



RELATO DA PRÁTICA DOCENTE: O SENTIDO DA ARTE NO DIA A DIA DOS(DAS) EDUCANDOS(AS)

Luiz Otávio Gomes dos Santos, Café com Paulo Freire, São Paulo¹

Rosana Pedrosa Pereira, Café com Paulo Freire, São Paulo²

RESUMO: Despertar a curiosidade, provocar inquietação, incerteza e gerar a crítica em sala de aula, é uma tarefa que cabe ao professor e é de extrema importância no processo de ensino e aprendizagem, para que seja possível ao educando(a) ver além daquilo que nos colocam como “suficiente”.

PALAVRAS-CHAVE: Curiosidade. Crítica. Educando.

Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.

Paulo Freire

Essa proposta de aula nasceu da intrínseca e afetuosa relação entre educador, educandos e educandas da sala do Mova (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos - SP), instaladas na favela Vietnã, localizada no bairro do Jabaquara, zona Sul de São Paulo.

Nesta sala de aula, cedida pela associação dos moradores da favela para atender os moradores que desejam estudar, mas não se sentem à vontade ou seguros para frequentar o ensino regular, reúne-se um grupo de 20 pessoas, sendo 14 mulheres com idades entre 40 e 60 anos e 6 homens com idade na faixa de 50 a 70 anos.

Para fugir da seca e em busca de novas oportunidades de emprego, esses(essas) educandos(as) migrantes e ainda jovens vieram majoritariamente do Nordeste (Bahia, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte, apenas uma educanda veio de Minas Gerais e dois já nasceram em São Paulo). Todos são

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo EESP/SP. Presidente diretor do IBEP – Instituto Brasileiro de Educação Popular, representante da Diretoria Regional de Ensino -DRE de São Amaro e atua como educador do MOVA. E-mail: otavio@gmail.com

² Graduada em Ciências Sociais pela FESP/SP, Especialista em Gestão Escolar, Mestre em Políticas Sociais, Educadora Social e Doutora em Ciências Sociais pela PUCSP. Já atuou como Professora Universitária. Atualmente atua na formação de educadores do MOVA e faz parte da curadoria da Rede Internacional Café com Paulo Freire em SP, pesquisadora no Observatório das Metrópoles SP. E-mail: rosanapedrosa@hotmail.com



moradores na favela Vietnã há aproximadamente 30 anos, isso é um facilitador no acolhimento e na integração dos(das) educandos(as).

As mulheres em sua grande maioria são mães solo e arrimos de família, em sua maioria são trabalhadores braçais exercendo funções que não exigem muito estudo para realizá-lo, como os serviços de faxina, auxiliar de cozinha, pedreiro, ajudantes de carretos etc., no entanto, a falta de estudo impede a ascensão profissional em outras funções e conseqüentemente aumento da renda familiar.

Essas pessoas não tiveram oportunidade de estudar no período correto de alfabetização ou aprenderam muito pouco abandonando a escola para ajudar no sustento da família. Hoje, apesar de enfrentar dificuldades pessoais, econômicas e sociais, estão de volta à sala de aula.

O MOVA surge na vida dessas pessoas nesse momento em que já estão adultos e sentem vontade de voltar a estudar ou de iniciar os estudos. O ambiente acolhedor e a forma como trabalhamos os conteúdos se diferencia da escola formal pois adotamos a pedagogia crítica progressista e freiriana, na qual o professor sabe que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2015, p.47)

Despertar a curiosidade, provocar inquietação, incerteza e gerar a crítica em sala de aula são uma tarefa que cabe ao professor e é de extrema importância no processo de ensino e aprendizagem, para que seja possível ao educando (a) ver além daquilo que nos colocam como “suficiente”. Como dizia (FREIRE, 2015, p.132), “preciso ter a certeza de que posso saber melhor o que já sei, e conhecer o que ainda não sei”. Quando dialogamos com nossos(nossas) educandos(as), assumimos um papel de “desvelador” e desafiador, buscando construir novos conhecimentos em coletividade e aprender com aqueles que não ocupam, oficialmente, um papel de professor. Enquanto prática desveladora, gnosiológica, a educação sozinha, porém, não faz a transformação do mundo.

Por isso (FREIRE, 2015, p.47) afirma que: “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Dessa forma, podemos fazer uma reflexão interessante que é, assim como nossos(nossas) educandos(as), nós, educadores, devemos nos considerar como



seres inacabados e inconclusos, estamos em processo de transformação e buscando sempre respostas a novos aprendizados. Sendo assim, quando nos entendemos dessa maneira, passamos a valorizar o “Ciclo Gnosiológico”³ e aí assumimos a “do-discência”⁴ e não mais, a docência. Resumindo, podemos entender que o Ciclo Gnosiológico se dá em dois momentos, o momento de ensino e aprendizagem do conhecimento já existente e o momento de trabalhar a produção do conhecimento ainda não existente. As práticas da “do-discência” e da pesquisa são essenciais nestes dois momentos do ciclo, tanto de forma individual, realizando a autorreflexão, ou compartilhada, no processo de aprendizagem coletiva.

Este “projeto” que ainda está em construção já ocupou sete aulas, mas poderá se estender para tantas outras, quando fomentamos a curiosidade das educandas e educandos o processo criador não tem limites, conforme afirmava Freire (2015, p.82): “Se há uma prática exemplar como negação da experiência formadora é a que dificulta ou inibe a curiosidade do educando e, entregue a procedimentos autoritários ou paternalistas que impedem ou dificultam o exercício da curiosidade do educando, termina por igualmente tolher sua própria curiosidade.”. Sendo assim, colocamos em prática o que Paulo Freire chamou de rigorosidade metódica exigida na construção do conhecimento.

Tudo começou, em sala de aula, por sugestão dos educandos e educandas elaboramos uma atividade de pintura, com lápis de cor e algumas gravuras como: uma borboleta aberta, uma casa encrustada na fazenda, o mapa do Brasil para pintar e nomear os estados e uma gravura da obra de Pablo Picasso, a Guernica, para realizar então uma releitura desta obra.

Essa atividade de pintura despertou nos educandos(as) a imaginação, a criatividade, a autodisciplina, a concentração, promoveu a curiosidade para entender melhor sobre as cores. Expressar-se através da pintura proporcionou a criação de um terreno fértil e favorável para a imaginação criadora de cada um, “Há ainda uma forma curiosa de olhar, de nos entregar ao desafio gostosamente, a curiosidade estética. (...) que me emociona em face da obra de arte que me centra na boniteza” (FREIRE, 2015,

³ Ciclo Gnosiológico - De acordo com Paulo Freire, o Ciclo Gnosiológico é o movimento que se dá entre o educador e o aprendiz, ou como o patrono da educação brasileira gostava de chamar: a dō-discência (conceito que expressa a mutualidade inseparável entre o educador e o aprendiz no processo de ensinar-aprender). (BECK, 2017).

⁴ Do-discência- decorrente do ato dialógico de educar, a do-discência é a docência-discência, o “ensinar aprendendo”. (VASCONCELOS; BRITO, 2019).



p. 95). Esta é a visão Freiriana e, para que isto ocorra, deve-se haver primordialmente a entrega do educador e do educando.

Na semana seguinte, expomos na sala de aula, as gravuras pintadas. Foi um sucesso. Eles e elas brincavam com os próprios desenhos, buscavam os desenhos dos colegas para comparar e comentar. Recomendamos sempre o diálogo como peça fundamental para um convívio harmonioso entre os educandos(as) em sala de aula, bem como no cotidiano da sua realidade, visando ao desenvolvimento do respeito e mútuo. Do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando. Implica também o compromisso do(a) educador(a) com a consciência crítica do educando, cuja “promoção” da ingenuidade não se faz automaticamente. (FREIRE, 2015, p.31).

Duas semanas após, trouxemos, a pedido dos e das educandas, novos desenhos. Natureza morta, um animal – uma onça – e uma obra de Miró, para que pudessem fazer uma releitura, considerando que gostaram muito dessa atividade.

Contudo, dois alunos não se entusiasmaram com a ideia e comentaram: “*mas professor, isso não é coisa de criança? Não vejo sentido fazer essa atividade*”. Freire (2015, p.39) nos aponta que “pensar certo não é um presente dos deuses e nem algo encontrado nos guias dos intelectuais, mas uma produção dialógica”, portanto, a partir do diálogo com os(as) educandos(as) a respeito dos questionamentos que nos fez refletir sobre nossa prática docente, e entendendo que a superação da curiosidade ingênua tem que ser produzida pelo próprio educando em conformidade com o professor formador.

Partindo dessa reflexão, reformulamos e apresentamos à totalidade dos educandos e das educandas os benefícios de pintar, desenhar e colorir. Esse movimento dialético de pensar criticamente as práticas de hoje e de ontem para melhorar a prática de amanhã é o que Paulo Freire chama de “Ação-Reflexão-Ação”. Dessa forma, investimos na rigorosidade metódica para superarmos a curiosidade ingênua e alcançarmos a curiosidade epistemológica.

Expomos a seguir os pontos apresentados aos(às) educandos(as), reforçando a importância desse novo saber:



- Desenvolvimento cognitivo. Ao desenhar e pintar, a criança e o adulto geram uma enorme quantidade de conexões cerebrais e usa seu conhecimento para criar;
- Desenvolvimento da coordenação motora fina e psicomotricidade;
- Estímulo da criatividade;
- Expor sentimentos;
- Afirmação da personalidade;
- Autoconfiança;
- Resgate da memória;
- Aprofundar os conhecimentos;
- Fazer relação com a realidade;
- Entender, sentir e compreender a beleza das cores.

Todos estes conceitos foram apresentados e discutidos com todos e todas em sala de aula. De acordo com (FREIRE, 2015, p.83): “Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me inseri na busca, não aprendo nem ensino”. Partindo dessa ideia, entregamos a segunda série de gravuras, e, uma semana depois, montamos a exposição com os desenhos pintados. Foi outra festa, além de colorir o ambiente escolar, os alunos e alunas passavam bons minutos observando a imensa variedade de visões e pontos de vistas do mesmo desenho e das memórias que surgiram ao pintar seus desenhos. Muitas trocas de memórias foram narradas no coletivo em sala de aula.

Mas uma indagação aflorou. Os(As) educandos(as) questionaram: “*Por que tantas cores?*”

Nesse momento, foi importante estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, ao invés de mantê-los numa posição passiva, apenas como ouvintes dos novos saberes. O professor é essencialmente um pesquisador, enquanto ensino, continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2015, p.30).

Entendendo definitivamente que não há ensino sem pesquisa, nem pesquisa sem ensino, fomos pesquisar as cores e descobrimos as cores primárias, as cores



secundárias e terciárias. Deste processo, criador aflorou outra demanda pelos educandos(as). *“Afinal de contas o que é arte?”*

A partir deste questionamento, fomos buscar uma definição clara que contemplasse a todos e todas e desse um significado maior do que estávamos construindo em sala de aula coletivamente. *“A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos, em que o professor expõe ou fala do objeto.”* (FREIRE, 2015, p. 83).

O conceito discutido em sala foi o seguinte, retirado do site Brasil Escola:

A arte é uma forma de o ser humano expressar suas emoções, sua história, e sua cultura através de alguns valores estéticos, como beleza, harmonia, equilíbrio. A arte pode ser representada através de várias formas, em especial na música, na escultura, na pintura, no cinema, na dança, entre outras.

E para continuar nossa viagem no mundo da arte resolvemos fazer uma roda de conversa sobre os nove movimentos da arte. Apresentamos cada movimento de maneira simples, porém não simplista estimulando o diálogo e as indagações dos educandos(as), escrevendo na lousa uma ou duas frases para explicar o movimento e as imagens das artes foram mostradas pela tela do celular que era passada de mão em mão entre os educandos(as), alguns as olhavam juntos, outros sozinhos, mas todos muito envolvidos com esses novos saberes.

Paulo Freire, (2013, p.69) defende que o momento estético da linguagem deve ser perseguido por todos nós, não importa se cientistas rigorosos ou não. Não há incompatibilidade nenhuma entre a rigorosidade na busca da compreensão e do conhecimento do mundo e a beleza da forma na expressão dos achados. Seria um absurdo que a compatibilidade se desse ou devesse se dar entre a feiura e a rigorosidade. Estão *“decência e boniteza de mãos dadas”* (FREIRE, 2015, p. 16).

Durante as aulas, a intervenção do professor é de suma importância para, não só compreender as experiências que os adultos apresentam, mas também para transformá-las e levá-las à expansão de conhecimentos e vivências artísticas. Foi daí que surgiu a ideia de conhecer o MASP – Museu de Artes Plásticas de São Paulo, culminando no incremento acerca da formação cultural, cognitiva, afetiva e emocional de cada educando(a). Além disso, a pintura serve como recurso para a transformação do pensamento e da compreensão da sociedade, auxilia na prática educativa e



estimula a capacidade de criação e recriação, distanciando-se do ensino puramente “mecânico dos conteúdos”. (FREIRE, 2015, p.56). Ademais, amplia o conhecimento e desperta a sensibilidade, a interação e a socialização dos discentes e docentes. Conforme a fala de uma educanda, ela relata como a pintura está lhe proporcionado empolgação e destaca o movimento abstrato:

[...] pra mim tá sendo maravilhoso, tá sendo uma coisa que tô me desenvolvendo na pintura como eu te falei, nem sabia pintar direito né, e agora eu tô praticando a pintura, tô ficando prática na pintura, e tô achando maravilhoso. Hoje eu me empolguei tanto com aquela lição que tivemos ontem à noite que hoje eu peguei o caderno de desenho, aquele que eu tenho que o professor me deu e já tô tentando desenhar umas coisas que eu não sei o que é, tem um lá que a gente não consegue definir o desenho, então eu tô desenhando, mas é uma coisa que a gente não define o que é, aí tô tentando desenha também umas flores, casas eu tô muito empolgada com essa lição eu amei, parece que é uma abertura pra nossa mente, tô muito empolgada com esse desenho.

Em outro depoimento, a educanda faz menção ao movimento Futurista e diz: “*Olha eu já ouvia falar de futurismo e agora eu sei o que é*”. Essas informações serviram de base para a próxima atividade, a pintura em “tela”, em papel canson, para que eles(as) pudessem se manifestar livremente, tendo como parâmetro as discussões promovidas nas aulas anteriores.

A sala de aula foi organizada com as carteiras uma de frente para outra, dispomos dessa forma para que possibilitasse aos(às) educandos(as) usarem os mesmos frascos de tintas, os mesmos lápis aquareláveis, dialogassem enquanto criassem suas obras e trocassem ideias, sugestões e colaborações. Ao distribuir o papel canson mais uma surpresa para os(as) educandos(as) que indagaram: “*a tinta não vai vazar pro outro lado?*”

Aos poucos, iniciaram um diálogo entre eles sobre o que iriam desenhar, diziam que não tinha ideia do que desenhar. Ao longo desse diálogo, foram relaxando e se concentrando, e a imaginação e a criatividade foram aflorando e vencendo a timidez, com as primeiras imagens surgindo, os pinceis deslizando no papel e transferido o pensamento dos educandos e educandas. Foi muito lindo!

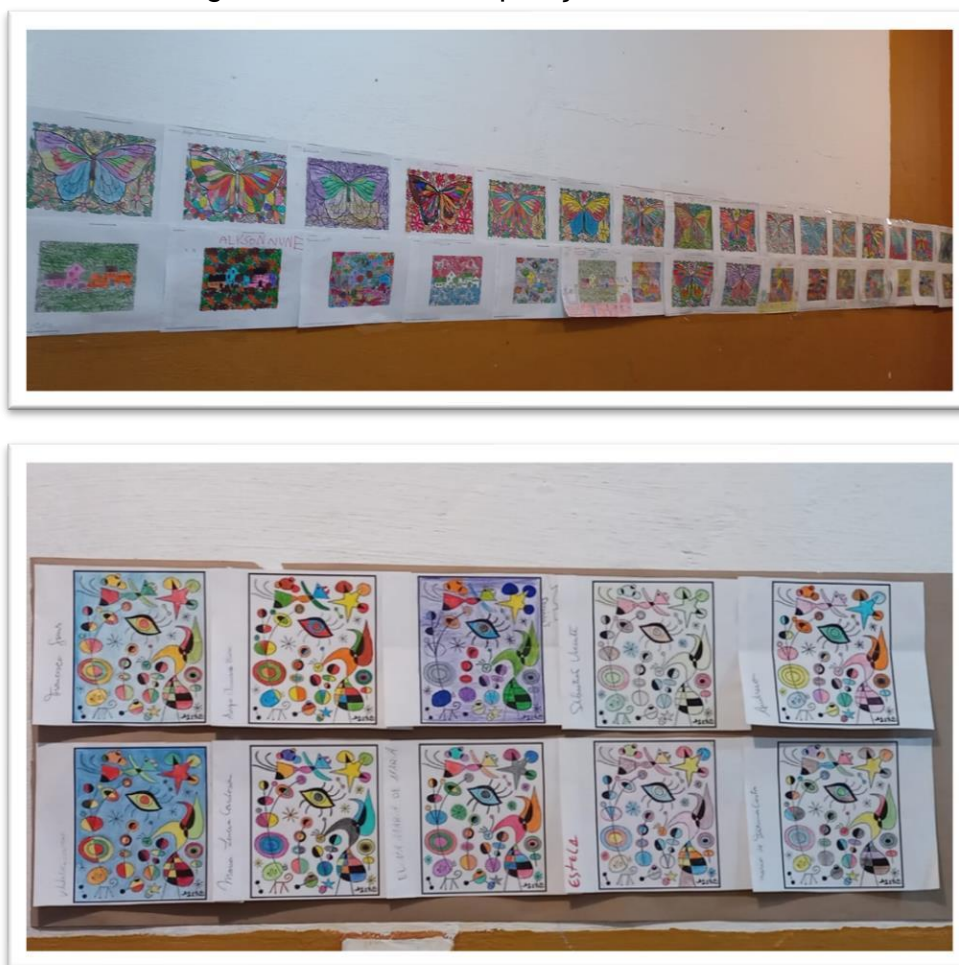
Figura 1 – Atividades realizadas em sala de aula.



Fonte: Arquivo Pessoal

Por fim, fizemos a exposição dos desenhos em sala de aula, foi um momento de festa e de orgulho para os(as) educandos(as) ver seus desenhos expostos. Aqui cabe uma observação, a maioria dos desenhos enquadra-se no movimento abstracionismo, em posse de tintas e pinceis puderam testar e experimentar, inclusive, as cores secundárias e terciárias, fazendo as misturas propostas, mas a predominância foram as cores fortes. Fugiram do padrão que tinham no início desta atividade de desenhar apenas o que já era conhecido e concreto, por exemplo, desenhavam: bola, casa, peixe etc.

Figura 2 – Fotos da exposição dos desenhos.



Fonte: Arquivo Pessoal

A sala do MOVA é multisseriada tanto no nível de escolaridade como na idade dos alunos, há educandos(as) que estão na fase de letramento, alguns já leem, mas não escrevem e outros que escrevem, mas ainda não leem. Temos também alguns alunos que já estão alfabetizados. Esta diversidade é um fator agregador em nossas rodas de conversa, os diversos saberes e experiências de vida trazem uma riqueza para a sala de aula, pois, como já dizia Paulo Freire, antes de aprender a ler e escrever, precisamos ler o mundo.

Paulo Freire produz sua obra pensando e repensando essa temática da leitura. Para ele, aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, inicialmente, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.



Segundo Freire (1989, p.40), não podemos duvidar de que a nossa prática nos ensina. Desde muito pequenos, aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos "lendo", bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta. E é preciso ir além dele, conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos.

Durante as atividades, pudemos registrar algumas falas dos educandos(as):

"Pra mim, todos os dias são bons, mas na quinta-feira foi incrível, a gente tem de repetir mais vezes, é bom pra gente, abre a memória, abre a cabeça um pouco, do que a gente passa nesse mundo, ainda mais essa correria aqui em SP, já viu né. A gente tem que abrir a cabeça um pouco. E a arte faz parte da nossa vida. Eu amei, professor. Eu não sei o que vai sair desta pintura, mas estou fazendo, alguma coisa vai sair."

"Eu me preparei para esta noite. Fiquei pensando o dia inteiro o que iria desenhar e pintar."

"Há muitas ideias em minha cabeça, mas acho que não vai caber neste papel."

"Eu gosto muito de desenhar, pintar. Sei lá relaxo, tira um pouco da minha dor de cabeça."

"Pra mim foi ótima, foi muito bom. Aula assim de pintura."

Pensamos como Paulo Freire e, por isso, acordamos uma visita ao MASP, com muita alegria e munidos de maior conhecimento sobre as artes e como ela impacta nossa realidade.

Através deste trabalho pudemos aplicar na prática os ensinamentos de Paulo Freire e perceber o quanto aprendemos e ensinamos mutuamente quando respeitamos nossos educandos e nossas educandas.

Figura 3 – Fotos do dia a dia das atividades de pintura



Fonte: Arquivo Pessoal

REFERÊNCIAS:

BECK, C. **Ciclo Gnosiológico**: um conceito de Paulo Freire. Andragogia Brasil, 2017. Disponível em: <<https://andragojiabrasil.com.br/ciclo-gnosiologico/>> Acesso em 10 de setembro de 2022.

ESCOLA, Equipe Brasil. **Arte**; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/artes/arte.htm>>. Acesso em 10 de setembro de 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 2017.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa - 50ª edição. Paz e Terra. São Paulo, 2015

VASCONCELOS; BRITO. **Conceitos de educação em Paulo Freire**. 6ª edição. Editora Vozes. São Paulo, 2019.